

Entre o medo e o fascínio: comunicação científica em tempos de inteligência artificial generativa

Najara Lima
najaralimab@gmail.com

Maria Giovanna Guedes Farias
giovannaguedes@ufc.br

Resumo

Objetiva-se apresentar, no âmbito da Ciência da Informação, de que forma ferramentas de inteligência artificial generativa (IAG) vêm sendo utilizadas na comunicação científica. Realizou-se revisão de literatura do tipo narrativa, na qual foram conduzidas buscas nas bases de dados Scopus, Science Direct e Web of Science, utilizando os termos de busca comunicação científica, inteligência artificial e inteligência artificial generativa. Os resultados obtidos após tratamento descritivo e qualitativo dos achados de pesquisa apontam que os principais desafios oriundos da utilização da IAG na comunicação científica envolvem a importância da preservação da integridade científica; a regulamentação do uso dessas ferramentas; e o risco de emergência de uma nova exclusão digital, que apresenta em polos opostos quem possui as habilidades requeridas para o uso das tecnologias e aqueles que não as têm. As conclusões apontam para a necessidade de entender como as ferramentas baseadas em IAG funcionam, além da importância do estímulo à produção de pesquisas mais aprofundadas na área, com fomento ao desenvolvimento de estratégias educacionais que possam estimular o uso crítico, consciente e ético dessas tecnologias.

Palavras-chave: comunicação científica; inteligência artificial generativa; ciência da informação

Between fear and enchantment: scientific communication in the age of generative artificial intelligence

Abstract

The objective is to present, within the scope of Information Science, how generative artificial intelligence (GAI) tools are being used in scientific communication. A narrative literature review was conducted, in which searches were carried out in the Scopus, Science Direct, and Web of Science databases, using the search terms scientific communication, artificial intelligence, and generative artificial intelligence. The results obtained after descriptive and qualitative analysis of the research findings indicate that the main challenges arising from the use of GAI in scientific communication involve the importance of preserving scientific integrity; the regulation of the use of these tools; and the risk of the emergence of a new digital divide, which presents at opposite poles those who possess the required skills to use the technologies and those who do not. The conclusions point to the need to understand how GAI-based tools work, in addition to the need to encourage

more in-depth research in the area, fostering the development of educational strategies that can stimulate the critical, conscious, and ethical use of these technologies.

Keywords: *scientific communication; generative artificial intelligence; information science*

1 INTRODUÇÃO

Divulgar o resultado de pesquisas científicas, fruto de muitos anos de estudos, investimento financeiro e de capital humano, é uma das tarefas fundamentais da ciência em todo o mundo. Seja por meio de resumos, artigos, capítulos de livros e apresentações orais em eventos especializados, no caso da comunicação entre os pares, quanto por meio de veículos de comunicação, na divulgação para o público geral, é fundamental que os resultados alcançados por pesquisadores sejam divulgados, não apenas nos espaços estritamente acadêmicos, mas principalmente para a sociedade, como um todo.

Entretanto, não é apenas com o intuito de popularizar a ciência que se divulgam os seus resultados. Muitos pesquisadores, bem como docentes e estudantes, se sentem impelidos a publicar os frutos de seus trabalhos, em virtude da frequente exigência por produtividade, comumente medida pelo número de publicações e de citações (Huang; Tan, 2023; Motta-Roth; Hendges, 2010).

Com o objetivo de produzir cada vez mais trabalhos científicos para aumentar sua produtividade, e, conseqüentemente, receber/manter financiamentos de pesquisa, ampliar o currículo para oportunidades de trabalho ou seleção, ou mesmo cumprir exigências dos cursos de pós-graduação (tanto para docentes credenciados quanto para os alunos), há quem recorra ao plágio acadêmico.

Guiados pelo famoso lema “Publique ou pereça”, originário do clássico “*Publish or perish*” das universidades americanas (Motta-Roth; Hendges, 2010; Bianchetti; Zuin; Ferraz, 2018), há pesquisadores que incorrem em ações plagiárias e cometem o que inúmeros autores denominam de autoplágio. Mesmo se tratando de um termo cuja conceituação ainda não é consenso na comunidade científica, o autoplágio acontece quando alguém reutiliza textos de sua própria autoria, apresentando-os como inéditos, sem mencionar que se trata de cópia completa ou quase completa de trabalhos publicados anteriormente (Wachowicz; Costa, 2016). Os autores defendem que a cobrança por produtividade pode ser uma das causas para o aumento da ocorrência de plágio e autoplágio na academia.

Nesse cenário de exigência de produtividade, plágio e autoplágio acadêmicos, surge um elemento novo e potencialmente transformador de vários aspectos da vida em sociedade, entre eles a pesquisa científica: a inteligência artificial generativa (IAG). Trata-se de uma poderosa ferramenta que, quando treinada/ensinada em bases de dados, é capaz de oferecer respostas a perguntas apresentadas pelos usuários (Marques, 2023; Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024; Stokel-Walker, 2023; Thorp, 2023).

Se, por um lado, a ascensão dos chatbots, como o ChatGPT (*Chat Generative Pre-trained Transformer*), criado em 2022 pela OpenAI, abre uma série de possibilidades no campo da ciência, como a economia de tempo proveniente da automatização de atividades, a exemplo de tabulação de dados, traduções e revisão ortográfica, a inovação traz também inúmeros desafios para editores e publicadores de periódicos científicos, envolvendo temas como ética, autoria acadêmica e o uso de ferramentas para identificação de textos gerados por IA (Angelis *et al.*, 2023; Homolak, 2023; Lustosa; Farias, M. G. G.; Farias, G. B., 2024; Meneses, 2025; Wachowicz, 2024).

Essa discussão se insere no âmbito da comunicação científica na medida em que o uso de modelos baseados em inteligência artificial tem dado sinais de seu potencial tanto na comunicação entre pares, via textos acadêmicos, quanto para o público geral, por meio do jornalismo científico (Conceição; Chagas, 2020; Guimarães; Freire, 2023; Schäfer, 2023). A IAG

poderia, então, ser largamente utilizada por pesquisadores na elaboração de textos científicos, tratamento de dados, tradução, revisão, bem como por jornalistas, para a criação de textos, imagens, *posts* para redes sociais e pautas para a divulgação da ciência.

De acordo com Conceição e Chagas (2020), a inteligência artificial, além de todo o contexto da cibercultura, pode beneficiar os processos de divulgação científica, em virtude da diversidade de meios e modos de popularizar os resultados dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos. Com o potencial de se tornar uma aliada do pesquisador, as ferramentas baseadas em IA poderiam ser utilizadas na criação de narrativas para a divulgação científica. A partir do treinamento dessas tecnologias, seria possível identificar o perfil de diversos públicos e adaptar o conteúdo a cada um deles.

A chamada “capacidade tradutiva” da IA generativa, resumindo de maneira célere e eficiente as publicações e descobertas científicas e explicando de maneira simples questões técnicas e complexas, poderia abrir um variado leque de possibilidades para a divulgação científica. Com a IAG como assistente, comunicadores científicos poderiam, por exemplo, produzir textos, *posts* em redes sociais ou comunicados à imprensa, bem como criar *slogans* e manchetes para campanhas de divulgação ou traduzir conteúdo científico para entradas da Wikipedia, por exemplo (Schäfer, 2023).

Entretanto, grande parte dos pesquisadores defende que o uso feito de modelos baseados em IA generativa pelos membros da comunidade científica não deve ser irrestrito. Ao incorporar esses novos recursos tecnológicos ao ambiente da comunicação científica, segundo eles, é necessário atentar para as implicações éticas e de responsabilidade social sobre o que se produz e divulga (Buss, 2024; Guimarães; Freire, 2023; Gunkel, 2017; Meneses, 2025; Salvagno; Talconi; Gerli, 2023).

Partindo da ideia de que a crescente utilização de IAG em todo o mundo tem alterado diversos aspectos do processo de produção científica e gerado amplos debates entre a comunidade acadêmica, objetiva-se apresentar, no âmbito da Ciência da Informação, como as ferramentas de IAG vêm sendo utilizadas na comunicação científica.

Em termos metodológicos, este trabalho consiste em um estudo de caráter descritivo, realizado a partir de uma revisão de literatura do tipo narrativa, a fim de identificar o estado atual do conhecimento científico produzido acerca da temática citada. Foram utilizadas as bases de dados Scopus, Science Direct e Web of Science, a partir do Portal de Periódicos da Capes, ao longo dos meses de junho e julho de 2025, para o levantamento bibliográfico. Os termos de busca utilizados para o desenvolvimento do trabalho foram “comunicação científica”, “inteligência artificial” e “inteligência artificial generativa”, em inglês, tendo como base o comando [“*scientific communication*” and “*artificial intelligence*” and “*generative artificial intelligence*”].

Os aspectos abordados foram selecionados com a intenção de atender aos objetivos do trabalho, baseado em um levantamento referencial não sistemático, seguido de tratamento descritivo e qualitativo dos achados de pesquisa. Ao final, buscou-se contribuir com os estudos sobre IAG e comunicação científica, área que possui aspectos ainda pouco explorados pelos pesquisadores.

2 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Desde a publicação de *Computing Machinery and Intelligence* (Máquinas de Computação e Inteligência), artigo escrito por Alan Turing em 1950, considerado o precursor da inteligência artificial, o tema tem ganhado cada vez mais espaço nas mais diversas áreas do conhecimento. Embora seja originalmente vinculada à Ciência da Computação, a IA, um conjunto de tecnologias que torna possível a programação de máquinas para a comunicação entre si e com os humanos, de forma a simular a inteligência humana no desenvolvimento de tarefas por meio da aprendizagem, também tem sido tema de crescente interesse por pesquisadores da Ciência da Informação (Casimiro; Araújo, 2021).

Entretanto, inegavelmente, depois do lançamento do ChatGPT (Transformador Generativo Pré-Treinado), pela OpenAI, com sede em São Francisco, na Califórnia, no final de 2022, as discussões têm agitado ainda mais os círculos acadêmicos. Isso porque a criação é um modelo de linguagem de grande porte (LLM), desenvolvido a partir do aprendizado por reforço com feedback humano, o que torna a ferramenta capaz de dialogar com seres humanos e fornecer respostas muito bem elaboradas, embora nem sempre confiáveis (Stokel-Walker, 2022, 2023; Thorp, 2023).

Como explicam Barreto e Ávila (2023), esse tipo específico de IA possui a capacidade de aprender padrões complexos de comportamento através de uma base de dados, funcionando a partir do modelo de aprendizado de máquina, projetado para entender a linguagem humana e gerar respostas semelhantes. Ainda que não detenham características como consciência ou sentimentos, ferramentas como o ChatGPT são capazes de entender e interpretar a linguagem humana, a fim de apresentar respostas com base em informações de seus bancos de dados. Nesse processo, além de apresentar falhas, por meio das tão conhecidas “alucinações”, essas ferramentas fazem uso de fontes desconhecidas e até mesmo inexistentes, provavelmente decorrentes do uso de dados incorretos para o treinamento da IA.

Muito embora se fale reiteradamente em “revolução”, quando o assunto é a IAG, alguns autores lembram que essa reação que transita entre o medo e o fascínio é bastante comum quando do surgimento de uma nova tecnologia. Barnett (2023) lembra que a criação da Wikipédia, em 2001, por exemplo, causou grande preocupação em universidades de todo o mundo. Porém, o autor defende que a situação agora é um pouco mais complexa, por envolver problemas de autoria/atribuição, plágio, detecção de trabalhos produzidos por *bots*, integridade científica e regulamentação específica para o uso de IAG na comunicação científica.

Compreende-se que a utilização dessas tecnologias na comunicação científica possui o potencial para romper paradigmas, já que tal recurso pode ser um importante aliado do pesquisador nesse processo, tornando o conhecimento científico mais acessível e impactante (Cargnelutti, 2023; Conceição; Chagas, 2020; Huang; Tan, 2023; Pergher, 2023; Salvagno; Talconi; Gerli, 2023; Schäfer, 2023). Mas, ainda é muito incerto como a comunidade científica irá lidar com os dilemas que surgem nesse novo cenário.

Grande parte dos desafios gerados a partir da interação da comunicação científica com a inteligência artificial diz respeito à integridade nas práticas metodológicas de comunicação científica. Muitos editores temem que o uso indiscriminado da IA possa resultar na redução paulatina da integridade da ciência, visto que ainda não se sabe como o algoritmo gera algumas respostas. Nesse mesmo ambiente de receios, surge o temor de que o uso de IA na comunicação científica possa se tornar um fator potencializador da prática do plágio.

Por isso, defende Wachowicz (2024), é importante que os autores busquem nortear suas produções a partir de princípios éticos sólidos, comprometidos com a integridade e o franco desenvolvimento da ciência. O autor argumenta que, ao contrário do que muitos defendem, a utilização de modelos baseados em IA não se configura uma forma de plágio em si, mas é preciso estar atento à maneira como esse recurso tecnológico vem sendo utilizado na academia, bem como problematizar suas implicações éticas e legais tanto a respeito do plágio quanto da autoria. Em contraponto a Wachowicz, Noam Chomsky (Marshall, 2023) apresenta severas críticas às tecnologias como o ChatGPT, defendendo que a ferramenta consiste em “plágio de alta tecnologia” e “uma forma de evitar o aprendizado”.

Meneses (2025) alerta para a necessidade do autor estar atento à política editorial do periódico em que pretende publicar o seu trabalho com relação ao uso de IA. Algumas revistas permitem que a tecnologia seja utilizada, contanto que seu uso esteja claramente discriminado no trabalho e que os dados sejam abertos e públicos. O citado autor, assim como Nassi-Calò (2025), ressalta que, de acordo com os critérios de autoria definidos pelo *International Committee of Medical Journal Editors* (ICMJE), a IA não pode ser considerada um autor, pois “o

conceito de autoria envolve a assunção de responsabilidade pelo conteúdo, conflito de interesse e integridade da comunicação científica” (Meneses, 2025, p.5).

Ainda sobre a autoria, Meneses defende que, mesmo utilizando IA para o desenvolvimento do trabalho, é o indivíduo, o autor, que exerce o papel intelectual sobre a pesquisa, que toma decisões e assume responsabilidades sobre ela. Por esse motivo, a tecnologia utilizada não é responsável pelos resultados do trabalho, nem será ela a assumir os possíveis riscos e desfrutar dos benefícios da autoria. Pergher (2023) defende que o ChatGPT é apenas uma dentre tantas outras ferramentas utilizadas pela humanidade, o que não os torna automaticamente humanos. Sobre isso, o autor afirma:

Até onde se sabe, no ChatGPT não há nenhuma linha de código que atribua alguma função que não seja a de fornecer retornos adequados aos comandos inseridos. *Input* e *output*, chamado e resposta. Certamente se pode analisar e discutir a ideologia que subjaz a seu algoritmo, mas, se o debate for sério, deve-se tomar como pressuposto, desde o primeiro momento, que quaisquer traços de subjetividade surgem por análise de convergências, não por intencionalidade (Pergher, 2023, p. 29).

Para que as pessoas voltem a ter confiança na ciência, tão colocada em xeque nos últimos anos, diante das propagadas ações em massa com o foco na desinformação que circula entre os indivíduos, especialmente potencializada pelas redes, é imprescindível que os pesquisadores priorizem a integridade de suas pesquisas (Angelis, 2023; Barnett, 2023; Meneses, 2025; Stokel-Walker, 2023). Ao fazer uso de tecnologias baseadas em IA, a confiança e a validação do processo científico devem se manter soberanas.

Um aspecto importante e que deve ser levado em conta quando se fala do uso da inteligência artificial generativa - ou, ainda, inteligência artificial comunicativa (IACom), para alguns autores - é a possibilidade de perpetuação de vieses de diversos tipos (Rodrigues; Brandão; Trivelato, 2024). Como são baseadas no aprendizado, as ferramentas de IAG podem dar mais ênfase a determinados estudos e/ou autores; além disso, podem refletir apenas perspectivas hegemônicas, de pessoas de língua inglesa, geralmente jovens e com acesso à internet (Alvarez *et al.*, 2024).

A perpetuação de vieses que refletem perspectivas hegemônicas pode gerar, como consequência, uma redução na diversidade da comunicação científica, responsável por fortalecer a produção de conhecimento científico. Com isso, diminui-se também a variedade de interpretações das pesquisas, fazendo com que a ciência tenha menos potencial para impactar um público mais amplo. Alvarez *et al.* (2024) defendem que a utilização de IAG para a comunicação científica, para além de limitar a diversidade, evidencia perspectivas que têm moldado durante séculos a produção e a aplicação da ciência.

Os autores argumentam, ainda, que o campo da comunicação científica também enfrenta outro desafio quando o assunto é IAG: a ampliação da desinformação, por meio das ditas “alucinações”, da fabricação de referências inexistentes, da criação e disseminação de uma grande quantidade de conteúdos nem sempre precisos, confiáveis e transparentes. A principal arma a ser utilizada para combater essa desinformação seria, segundo Gleason (2022), o desenvolvimento e investimento na alfabetização informacional.

O uso da IA na comunicação da ciência é uma realidade, tornando-se desafiador retornar ao cenário anteriormente existente. Cabe agora aos membros da comunidade científica buscar aproveitar as oportunidades proporcionadas pelo uso da IA, ao mesmo tempo em que aprende a lidar com os desafios introduzidos por essas tecnologias, que têm apresentado resultados cada vez mais surpreendentes (Gunkel, 2017; Luna *et al.*, 2025).

No campo da divulgação científica, a IA pode ser utilizada para identificar, por exemplo, o perfil de diversos públicos, adaptar o conteúdo a cada um deles e até criar novas narrativas baseadas nessa tecnologia. As possibilidades são, inegavelmente, vastas e revolucionárias.

Entretanto, os impactos da utilização da IA na comunicação da ciência ainda são imprevisíveis; por isso, é importante ter cautela (Conceição; Chagas, 2020).

Outra atividade em que a inteligência artificial vem sendo utilizada é na produção de pareceres e avaliações, tarefa que demanda bastante tempo e esforço intelectual, mas que é comumente pouco recompensada. Ainda não há consenso a respeito dessa questão, mas alguns autores defendem que esta seria uma solução para compensar a falta de bons pareceristas (Frontiers, 2020); outros chegam a selecionar algumas atividades nessa área que poderiam ser desempenhadas por IA, como verificar o alinhamento do artigo com os critérios da revista ou elaborar e-mails para os autores detalhando as propostas de melhoria do trabalho (Kankanhalli, 2024; Lopezosa, 2023).

Porém, Sampaio, Sabbatini e Limongi (2024) alertam que é preciso ter bastante cuidado na utilização de IA no processo de revisão por pares, visto que essas ferramentas se alimentam justamente das informações fornecidas pelos usuários. Nesse processo, há a possibilidade de vazamento de trabalhos inéditos, além de informações sensíveis de pesquisa, o que pode ocasionar problemas que afetam a segurança da informação e a propriedade intelectual.

É importante estar aberto à inovação, apropriando-se das tecnologias com a finalidade de apoiar a produção, organização e comunicação de informação e conhecimento especializado. Mas, como essa apropriação pode ter profundas implicações para todo o processo científico (Unesco, 2024), ela deve ser feita de maneira responsável, cautelosa, priorizando a integridade da ciência e assegurando que os trabalhos não contenham plágio ou qualquer tipo de falsificação. Os modelos baseados em IA e sua utilização na ciência já fazem parte da realidade; dessa forma, a missão da comunidade científica é agora buscar garantir que eles gerem mais oportunidades do que riscos e problemas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da bibliografia pesquisada, ficou evidente que a inteligência artificial generativa introduz um amplo conjunto de benefícios para a comunicação científica. Entre as principais vantagens apresentadas pelos autores pesquisados acerca das ferramentas baseadas em IAG, como o ChatGPT, pode-se citar a possibilidade de agilizar e automatizar processos de geração de conteúdo; gerar mapas de referências, por meio da busca e seleção de artigos; sugerir temas de pesquisa; identificar pontos-chave sobre um tema científico; apresentar dados; explicar questões complexas de forma simples; resumir literatura sobre determinado tema; estimular a democratização da comunicação científica; e ajudar a desenvolver novas competências informacionais e midiáticas (Homolak, 2023; Huang; Tan, 2023; Meneses, 2025; Nassi-Calò, 2025; Salvagno; Talconi; Gerli, 2023; Santaella, 2023a; Schäfer, 2023).

Entretanto, também de acordo com os autores pesquisados, uma vasta quantidade de funcionalidades positivas presentes nessas tecnologias traz inúmeros desafios embutidos, a maioria deles apontando para os limites éticos do uso de IAG na comunicação científica. Muitas questões estão relacionadas à autoria, com foco na possibilidade da ferramenta tecnológica utilizada ser listada como co-autora da obra, ao lado dos seus autores, humanos.

Muito embora a maioria das revistas, editoras e institutos de pesquisa ainda não tenha a sua própria regulamentação a respeito do uso de IA na comunicação científica, aquelas que já a possuem defendem, por exemplo, que *chatbots* e similares não devem ser citados como autores de produções acadêmicas, além de estabelecerem regras para utilização dessas tecnologias. Acerca do assunto, Almeida e Nas (2024) destacam que a implantação de diretrizes de IA responsável, por meio de procedimentos e práticas concretas incorporadas aos sistemas, deve levar ao aumento de confiança e transparência entre usuários.

Essa discussão possui, também, outro aspecto importante quando se trata da utilização de IAG na ciência: o da transparência. Apesar de ser praticamente um consenso a orientação de não listar essas novas tecnologias como autores, é necessário informar na publicação se, qual e com que finalidade uma ferramenta baseada em IAG foi utilizada para a produção da pesquisa

(Angelis, 2023; Meneses, 2025; Nassi-Calò, 2025; Relf, 2023; Sampaio; Sabbatini, Limongi, 2024; Stokel-Walker, 2023; Thorp, 2023). Há, inclusive, editoras que já possuem formulário/declaração específico para este fim.

O plágio é, também, uma questão com discussão acentuada no cenário da comunicação científica em tempos de inteligência artificial generativa; textos produzidos com o apoio dessas ferramentas podem trazer ideias de fontes não citadas, para além das desconhecidas, sem credibilidade ou inexistentes (Gal, 2023; Homolak, 2023; Nassi-Calò, 2023; Salvagno; Talconi; Gerli, 2023; Stokel-Walker, 2023).

Entre os inúmeros desafios citados pelos autores pesquisados está o de se manter a integridade científica, em meio a uma enxurrada de textos produzidos com o uso da inteligência artificial; o funcionamento da IAG como possível vetor de desinformação, o que se torna especialmente problemático num momento em que surgem diversas posições antagônicas à ciência em todo o mundo; e assuntos relacionados à segurança de dados e privacidade, visto que dados sensíveis de pesquisa estão alimentando chatbots dia após dia (Angelis, 2023; Barnett, 2023; Buss, 2024; Meneses, 2025; Stokel-Walker, 2023).

Muito também se discute sobre a necessidade premente de regulamentação do uso de IAG para a produção científica, especialmente por parte de instituições nacionais diretamente relacionadas à pesquisa, como o MEC, a Capes e o CNPq, além das agências estaduais de fomento à pesquisa. Ademais, há um intenso debate a respeito da possibilidade do surgimento de uma nova exclusão digital, gerada pela dificuldade de acesso, por uma parte da população mundial, aos *chatbots*, ainda gratuitos, mas já com versões pagas (Gleason, 2022; Peters; Chin-Yee, 2025; Schäfer, 2023).

A respeito desse tema, Sampaio, Sabbatini e Limongi (2024) defendem que a ascensão e larga utilização da IAG poderão gerar novas “divisões digitais”, de forma semelhante ao que aconteceu durante o *boom* da cultura digital e das mídias sociais. É importante perceber que essa nova exclusão poderá ocorrer não somente no nível do acesso - as versões mais completas das ferramentas de inteligência artificial generativa ou comunicativa podem se tornar muito caras, de forma que apenas uma parcela da população possa pagar por elas.

Um outro nível fundamental de desigualdade pode ocorrer no tocante à alfabetização para o uso dessas tecnologias. Uma parcela dos cidadãos, dotada de maior habilidade para o uso da IAG, poderá tirar um melhor proveito dessas ferramentas, criando uma vantagem competitiva diante de outros que não a possuem. Outro importante aspecto dessa nova exclusão digital advém do fato de que as ferramentas de inteligência artificial generativa tendem a reforçar dinâmicas e estruturas de poder já existentes na sociedade, fazendo com que uma multiplicidade de olhares seja invisibilizada (Dwivedi *et al.*, 2023; Silva, 2022).

Mais uma vez, de acordo com Santaella (2023a), o centro e a periferia podem explicitar amplas disparidades com relação à produção do conhecimento. Para Schmidt (2023), o caminho para garantir um acesso mais igualitário à IA, bem como para aplacar os vieses nos dados usados para o treinamento dos algoritmos, passa pela construção criteriosa de bancos de dados e por sua adequada regulamentação. O autor defende que as ferramentas de IAG possuem grande potencial no âmbito da comunicação científica, porém não podem prescindir da interferência humana.

Corroborando esse argumento Santaella (2023b), quando afirma que os próprios algoritmos não estão dissociados dos humanos, pois, ainda que sejam capazes de aprender, necessitam da interferência humana para tanto. Por esse motivo, não se pode perder de vista que as decisões/resultados finais de uma pesquisa devem se originar, sempre, da instância humana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Medo e fascínio são as duas sensações que comumente invadem o pensamento tanto de pesquisadores quanto de cidadãos comuns quando do surgimento de novas tecnologias. Foi assim com a invenção da escrita, da imprensa, da fotografia, dos primeiros computadores, da

internet, das redes sociais digitais mais rudimentares, da Wikipédia, dos algoritmos influenciando a contemporaneidade e recomendando produtos e serviços com base nos rastros deixados pelos indivíduos na internet e, agora, com o uso extensivo das ferramentas baseadas em inteligência artificial generativa.

Novas tecnologias, como o ChatGPT, irão “roubar” o emprego de pessoas nas mais diversas áreas do conhecimento em todo o mundo? Ou apenas poderão tornar o trabalho por elas desempenhado mais rápido e eficiente? Os *chatbots* podem gerar novas ideias e conhecimentos ou apenas transformar as informações com base naquilo que recebem como alimentação pelos próprios humanos? As instituições de ensino devem proibir terminantemente o uso dessas tecnologias ou aprender a melhor forma de lidar com elas, aproveitando o *boom* das IAG para, inclusive, repensar o seu sistema de avaliação, revendo aquilo que realmente deve ser esperado dos alunos? Na academia, ferramentas de inteligência artificial se transformarão em pesquisadores autônomos ou apenas assistentes de pesquisa, supervisionadas pelos humanos?

Considera-se ainda prematuro encontrar respostas para estas perguntas. O ChatGPT e seus similares surgiram apenas no final de 2022; são menos de três anos dessa “nova revolução”. O que se observa é que as ferramentas de IAG já foram largamente disseminadas entre indivíduos de todo o mundo; a sociedade atual e as que estão por vir poderão ser fortemente influenciadas por elas. Inserir bloqueios nos navegadores, fugir dessas novas tecnologias, negar a sua existência ou proibi-las não parece ser uma opção sustentável, especialmente em um mundo em que a tecnologia desempenha um papel tão fundamental.

Por enquanto, há alguns caminhos que podem ser trilhados. Entender como essas ferramentas funcionam, conhecê-las e experimentá-las é um primeiro passo, inclusive para possibilitar uma avaliação segura e coerente. É urgente, também, estimular o desenvolvimento de pesquisas relacionando a comunicação científica à inteligência artificial generativa.

Embora muito se fale em IA e suas possibilidades, ainda são escassos estudos mais robustos e aplicados, que deem conta de discutir os impactos da IAG no processo científico e nas publicações acadêmicas. Além disso, é urgente preencher a lacuna da falta de regulamentação do uso da inteligência artificial para a comunicação científica no Brasil, aliado ao desenvolvimento de estratégias educacionais que possam estimular o uso crítico e consciente dessas tecnologias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Virgílio; NAS, Elen. Desafios da IA responsável na pesquisa científica. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 141, p. 17–28, 2024. DOI: [10.11606/issn.2316-9036.i141p17-28](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.i141p17-28). Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/225204>. Acesso em: 29 jul 2025.

ALVAREZ, A. *et al.* Science communication with generative AI. **Nature Human Behaviour**, 8(4), 625-627, 2024.

BARNETT, S. ChatGPT Is Making Universities Rethink Plagiarism. **Wired**, Jan. 2023. Disponível em: <https://www.wired.com/story/chatgpt-college-university-plagiarism/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

BARRETO, A. M. P.; ÁVILA, F. A inteligência artificial diante da integridade científica: um estudo sobre o uso indevido do ChatGPT. **Revista Direitos Culturais**, 2023.

BIANCHETTI, L.; ZUIN, A. A. S.; FERRAZ, O. **Publique, apareça ou pereça**: produtivismo acadêmico, pesquisa administrativa e plágio nos tempos de cultura digital. Salvador: Edufba, 2018.

BUSS, C. et al. A regulamentação no uso da Inteligência Artificial para o tratamento de dados no contexto da Ciência da Informação. **Ci. Inf. Rev.**, Maceió, 2024.

CARGNELUTTI, R. et al. Um Estudo Exploratório sobre o uso do ChatGPT na Melhoria e Revisão da Escrita de Artigos Científicos. **Congresso Brasileiro de Informática na Educação**, 2023.

CASIMIRO, A. H. T.; ARAÚJO, W. J. Inteligência artificial em ciência da informação: revisão sistemática da literatura. **Anais... XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)**, 2021, Rio de Janeiro.

CONCEIÇÃO, V. A. S.; CHAGAS, A. M. O pesquisador e a divulgação científica em contexto de cibercultura e inteligência artificial. **Acta Sci. Educ.**, 2020.

DWIVEDI, Yogesh K. et al. So what if ChatGPT wrote it? Multidisciplinary perspectives on opportunities, challenges and implications of generative conversational AI for research, practice and policy. **International Journal of Information Management**, v. 71, n. 0268-4012, p. 102642, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijinfomgt.2023.102642>.

FRONTIERS. Artificial Intelligence to help meet global demand for high-quality, objective peer-review in publishing. **Frontiers Science News**, jul. 2020. Disponível em: <https://blog.frontiersin.org/2020/07/01/artificial-intelligence-to-help-meet-global-demand-for-high-quality-objective-peer-review-in-publishing/>. Acesso em: 05 jul. 2025.

GAL, C. A. et al. Comparing scientific abstracts generated by ChatGPT to real abstracts with detectors and blinded human reviewers. **NPJ Digital Medicine**, 2023. <https://doi.org/10.1038/s41746-023-00819-6>

GLEASON, N. ChatGPT and the rise of AI writers: how should higher education respond? **Times Higher Education**, 2022. Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/campus/chatgpt-and-rise-ai-writers-how-should-higher-education-respond> Acesso em: 29 jun. 2025.

GUIMARÃES, M. V. A.; FREIRE, G. H. A. A inteligência artificial como promotora da competência em informação no ciberespaço: possibilidades para a comunicação científica. **Anais... XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)**, Aracaju, 2023.

GUNKEL, D. J. Comunicação e inteligência artificial: novos desafios e oportunidades para a pesquisa em comunicação. **Galaxia** (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 34, jan-abr. 2017, p. 05-19. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554201730816>

HOMOLAK, J. Opportunities and risks of ChatGPT in medicine, science, and academic publishing: a modern Promethean dilemma. **Croat Med J.**, 2023 <https://doi.org/10.3325/cmj.2023.64.1>

HUANG J.; TAN, M. The role of ChatGPT in scientific communication: writing better scientific review articles. **Am J Cancer Res**, 2023, p. 1148-1154. ISSN: 2156-6976/ajcr0150104

KANKANHALLI, Atrayi. Peer review in the Age of Generative AI. **Journal of the Association for Information Systems**, v. 25, n. 1, p. 76-84, 2024. DOI: <http://doi.org/10.17705/1jais.00865>.

LOPEZOSA, Carlos. La Inteligencia Artificial en los procesos editoriales de las revistas académicas: propuestas prácticas. **Infonomy**, v. 1, n. 1, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3145/infonomy.23.009>.

LUNA, D. S. et al. (2025) Quality in science communication with communicative artificial intelligence: A principle-based framework. **Public Understanding of Science**. DOI: 10.1177/09636625251328854

LUSTOSA, Marllus de Melo; FARIAS, Maria Giovanna Guedes; FARIAS, Gabriela Belmont de. Inteligência Artificial e Comunicação Científica: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, vol.18, publicação contínua, 2024. DOI: 10.36311/1981-1640.2024.v18.e024004

MARQUES, Fabrício. O plágio encoberto em textos do ChatGPT. **Revista Pesquisa Fapesp**. São Paulo, n. 326, abr. 2023. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-plagio-encoberto-em-textos-do-chatgpt/> Acesso em: 20 jul. 2025.

MARSHALL, Colin. Noam Chomsky on ChatGPT: It's "Basically High-Tech Plagiarism" and "a Way of Avoiding Learning". **Openculture**, 2023. Disponível em: <https://www.openculture.com/2023/02/noam-chomsky-on-chatgpt.html> Acesso em: 19 juni. 2025.

MENESES, Abel Silva de. Inteligência Artificial Generativa na Comunicação Científica: recomendações para autores, revisores e editores. **Rev. Tec. Cient. CEJAM**, 2025. <https://doi.org/10.59229/2764-9806.RTCC.e202540029>

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção Textual na Universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

NASSI-CALÒ, L. The use of Generative Artificial Intelligence in Scholarly Communication. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, 2025. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.0000.4560>

PERGHER, F. **A inteligência artificial vai dominar o mundo?** Parábola Editorial, São Paulo, 2023.

PETERS, U.; CHIN-YEE, B. Generalization bias in large language model summarization of scientific research. **R. Soc. Open Sci.**, 2025. <https://doi.org/10.1098/rsos.241776>

RELF, M. V. Artificial Intelligence and Scientific Publishing. **Journal of the Association of Nurses in AIDS Care**, jul-ago. 2023, v. 34, n. 4.

RODRIGUES, G.S.; BRANDÃO, V. R. A.; TRIVELATO, R. M. S. ChatGPT: uma ferramenta para a pesquisa científica? **Código 31**, V.2, N.1, Jan./Jun. 2024.

SALVAGNO, M.; TACCONI, F. S.; GERLI, A. G. Can artificial intelligence help for scientific writing? **Critical Care**, 2023. <https://doi.org/10.1186/s13054-023-04380-2>

SAMPAIO R. C.; SABBATINI, M.; LIMONGI, R. **Diretrizes para o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa [livro eletrônico]:** um guia prático para pesquisadores. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, 2024.

SANTAELLA, L. **Há como deter a invasão do ChatGPT?** 1ª ed., São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023a.

SANTAELLA, L. **A inteligência artificial é inteligente?** São Paulo: Edições 70, 2023b.

SCHÄFER, M. S. The Notorious GPT: science communication in the age of artificial intelligence. **Journal of Science Communication**, 2023.

SCHMIDT, E. **This is how AI will transform the way science gets done.** MIT Technology Review, 2023. Disponível em: <https://www.technologyreview.com/2023/07/05/1075865/eric-schmidt-ai-will-transform-science/>. Acesso em: 1º jul. 2025.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico:** inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc SP, 2022. Disponível em: <https://racismo-algoritmico.pubpub.org/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

STOKEL-WALKER, C. **ChatGPT listed as author on research papers:** many scientists disapprove. *Nature*, jan. 2023. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-023-00107-z>. Acesso em: 23 jul. 2025.

STOKEL-WALKER, C. **AI bot ChatGPT writes smart essays — should professors worry?** *Nature*, dez. 2022. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-022-04397-7>. Acesso em: 23 jul. 2025.

THORP, H. H. ChatGPT is fun, but not an author. **Science**, 2023. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.adg7879>. Acesso em: 23 jul. 2025.

MIAO, F.; HOLMES, W. **Guia para Inteligência Artificial na educação e na pesquisa.** Unesco, 2024. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000390241>. Acesso em: 19 jun. 2025.

WACHOWICZ, Marcos; COSTA, José Augusto Fontoura. **Plágio Acadêmico.** Curitiba: Gedai Publicações/UFPR, 2016.

WACHOWICZ, Marcos. Plágio, Direitos Autorais e Regulação da IA Generativa. **Gedai**, jul. 2024. Disponível em: <https://gedai.ufpr.br/plagio-direitos-autorais-e-regulacao-da-ia-generativa>. Acesso em: 20 jul. 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC/SE). Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq-308358/2021-0) por uma bolsa de produtividade em pesquisa e à Fundação Cearense de Apoio

ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap-PRH-0212-00072.01.00/23) pelo apoio financeiro a este projeto, por meio do programa Pró-Humanidades.